

## **O Livro-Reportagem: Uma Análise Da Liberdade Cronológica Aliada À Função Social do Jornalismo<sup>1</sup>**

Isabel GEWEHR<sup>2</sup>  
Fábio Luis ROCKENBACH<sup>3</sup>  
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

### **RESUMO**

O presente trabalho busca elucidar a importância do uso adequado das liberdades que a escrita de um livro-reportagem proporciona, aliado a função social que o jornalismo desempenha junto a sociedade e que pode sofrer distorções de acordo com a abordagem adotada em determinada obra. Para tal, analisa-se as narrativas dos livros-reportagens *Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss* da jornalista brasileira Daniela Arbex, publicado em 2018; *Rota 66: a história da polícia que mata* de autoria do jornalista brasileiro Caco Barcellos, publicado em 1992; e *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear* de Svetlana Aleksievitch, jornalista ucraniana, publicado em 1997. “*Todo dia a mesma noite*” desenvolve uma narrativa sobre a tragédia que abalou o município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 2013. O incêndio da Boate Kiss provocou oficialmente 242 mortes, entretanto Arbex mostra com a sua obra que as vítimas do ocorrido ultrapassam os dados conhecidos e as vidas que tiveram seu fim naquela noite. “*Rota 66*” denuncia uma outra faceta da Polícia Militar de São Paulo, com o relato dos vinte e dois anos de pesquisa que Caco Barcellos realizou sobre as mortes efetuadas por Policiais Militares à inocentes e criminosos no período de 1970 a 1992. Nele, apresentam-se vítimas, o que a *Rota 66* fez a elas e qual foi o desfecho desse ato, incluindo todas as versões conhecidas e divulgadas do caso. “*Vozes de Tchernóbil*” é constituído por uma série de depoimentos das vítimas de Chernobyl, sejam elas afetadas direta ou indiretamente pela radiação. Svetlana Aleksievitch torna as vozes do povo de Tchernóbil, que até o momento não haviam ganhado protagonismo, a representatividade de uma perspectiva panorâmica do ocorrido. As três obras utilizam em suas narrativas um conjunto de liberdades proporcionadas pelo desenvolvimento de uma temática dentro de um livro-reportagem, conceitos que são apresentados por Edvaldo Pereira Lima no livro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: [184394@upf.br](mailto:184394@upf.br).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: [fabio@upf.br](mailto:fabio@upf.br).

“Páginas Ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura”. Nesse perspectiva, entende-se que o livro-reportagem, um dos gêneros da prática jornalística que pertence ao jornalismo literário, tem como intuito estender a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano, cobrindo os vazios deixados pela imprensa e ampliando a compreensão da realidade, de modo a “(...) informar e orientar com profundidade” (LIMA, 2009, p.40). Por esse motivo que o livro-reportagem proporciona um conjunto de liberdades, sendo duas delas a temporal, que desvincula o jornalista da “presentificação restrita” (LIMA, 2009, p.85) e a do eixo de abordagem, que permite ao livro-reportagem “vislumbrar um horizonte mais elevado” (LIMA, 2009, p.85) além do “em torno da factualidade, do acontecimento” (LIMA, 2009, p.85). Essas liberdades promovem ao jornalista o abandono da cronologia com o uso da liberdade cronológica, onde se pode optar por uma narrativa não-linear. Isso somado a fragmentação das histórias contadas, “mediante a técnica de cortes, no fluxo da consciência em momentos, na ordem não cronológica, na reversão da ordem sintática” (ANDRADE, 2007, p.126). Nesse sentido, Daniela Arbex usa da liberdade cronológica para transformar um acontecimento com o desfecho já conhecido pela maioria, em uma narrativa que instiga e fomenta o leitor a prosseguir a leitura com a mescla dos momentos, em que o final da história aparece no início: a morte. O contexto ao qual aqueles jovens estavam inseridos e como o ocorrido impactou a sua família, é a chave do enredo. Entretanto, mesmo que esse artifício seja de grande valia para suscitar a curiosidade dentro da literatura, no caso de “Todo dia a mesma noite” o excesso e uso incorreto dele pode prejudicar a fruição e compreensão do que se lê, visto que em dados momentos trava pela confusão e exigência de memória específica para a continuação da leitura. Isso porque Arbex usa de uma narrativa fragmentada, “sem começo, meio e fim delineados” (ANDRADE, 2007, p.126), onde são desenvolvidos em um mesmo capítulo a vida de mais de uma personagem, sem a conclusão de suas tramas naquele momento, o que acaba resultando em “histórias incompletas, em pedaços” (ANDRADE, 2007, p.126). Esse esquema, se olhado o livro de cima, funciona quando Daniela Arbex aproxima as narrativas fragmentadas e se tem o entendimento de quem se fala por meio de gatilhos de memória. Porém, em muitas ocasiões, o que era para impactar e envolver, demonstra um distanciamento e até a perda de sentido. Essa confusão soma-se à tática de Arbex de, ao prosseguir o que foi iniciado páginas antes, isso agora ser posto sob outro ponto de vista,

o que requer a conexão de não só um nome, mas vários, para que a leitura prossiga. Muito se confunde pelo entrelace das narrativas e o que permanece é a sensação incompleta e de incerteza sobre as vírgulas e espaços daqueles que já sabíamos o ponto final. Em contrapartida, as liberdades permitidas pelo livro-reportagem são guiadas de maneira distinta em Rota 66. Caco Barcellos adotada a liberdade cronológica em uma narrativa não-linear com a apresentação dos casos e as vítimas da Polícia Militar de São Paulo, afunilando o perfil dos matadores, o relato pessoal do próprio jornalista sobre o andamento e descobertas de sua pesquisa e trechos de jornais que noticiaram os casos de acordo com os boletins de ocorrência realizados pelos matadores. Tudo isso em uma ordem que não remonta a verdadeira sequência dos acontecimentos, mas estabelece um sentido e continuação. Assim, ele não se pauta na fragmentação da história de seus personagens, tendo o início e conclusão de seus relatos no mesmo capítulo, sem o corte ao meio para que se insira páginas à frente. O que demonstra que, dentro dos núcleos narrativos, Caco segue a linearidade, com um fato seguindo ao outro, na ordem real dos acontecimentos. Entretanto, quando analisado o livro como um todo, nota-se que cada caso relatado não segue uma linha do tempo contínua, sendo constante as idas e voltas temporais, circulando nos anos de 1970 a 1992. Assim, usa-se da liberdade para causar mais choque entre uma história de menor peso, para uma próxima de maior, o que acaba por intensificar e aprofundar o efeito de conscientização que o livro-reportagem deve acarretar com a temática abordada. Tais características são também evidenciadas no livro-reportagem “Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear”, onde Svetlana divide a obra em monólogos com temas específicos que rondam os relatos das pessoas que ela ouviu em sua trajetória. Assim temos uma história se iniciando e se encerrando dentro do espaço do monólogo, não utilizando do recurso de fragmentação para ser concluída nas próximas páginas. Desacompanhado de linearidade, a liberdade cronológica mais uma vez se manifesta, onde a jornalista não procura inserir os depoimentos coletados em uma linha do tempo contínua. Mesmo que as vozes presentes no livro não se conheçam, elas vivenciaram o mesmo abalo do desconhecido e têm em si dúvidas irrespondíveis. Assim, a construção usada por Svetlana fornece uma espécie de resposta aos leitores às questões levantadas pelas vítimas, fazendo com que cada monólogo se complemente de algum modo. O que cria uma linha tênue interligando todos os depoimentos, mesmo que não seja a linha de um eixo temporal linear. Além disso,

Svetlana Alexijevich organiza os monólogos de modo a, em determinado ponto da obra, a tragédia ser quase que normalizada, por parecer que todos estão passando pelo mesmo e aquele cenário ter se tornado algo “comum”. Então algo distinto e de crescente sentimentalismo é posto no respiro desses relatos e outra vez é lembrado e revivido o peso de tal acontecimento sob aquela população, demonstrando a importância de multifacetadas para o conhecimento de um grande evento. Dessa maneira, entende-se que o livro-reportagem junto à liberdade temporal, de abordagem e construção da narrativa, proporciona o respiro para se desenvolver um sentido mais contemporâneo para uma temática que seria escrita com base na atualidade em veículos periódicos. Entretanto, é observado que o abuso ou má condução desses artifícios podem prejudicar o desenvolvimento de uma leitura coesa e conseqüentemente os impactos esperados pelo livro-reportagem. De modo que a função social do jornalismo, que deveria se aliar ao uso das liberdades, fica em segundo plano para a necessidade requerida de pausas e recuperação de memórias, como foi sinalizado no livro “Todo dia a mesma noite” da jornalista Daniela Arbex. O que se mostra ao contrário nas obras “Rota 66” de Caco Barcellos e “Vozes de Tchernóbil” de Svetlana Aleksievitch, onde a não-linearidade é atada e construída de maneira a não trazer confusão e sim os choques e surpresas que marcam a leitura da obra, dando o peso necessário para a transformação do olhar sob a temática abordada. Desse modo, conclui-se que o poder social de aprofundamento propiciado pelo livro-reportagem, quando unido adequadamente à liberdade cronológica, torna-se mais evidente e de fácil aproximação do leitor. Porém, traz o sentimento de distanciamento e a diminuição dos impactos quando utilizado de maneira inadequada.

**PALAVRAS-CHAVE:** livro-reportagem; narrativa não-linear; liberdade cronológica; liberdade temporal; narrativa fragmentada.

## REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes De Tchernóbil: A História Oral Do Desastre Nuclear.** [S. l.]: Companhia das Letras, 1997.

ANDRADE, Maria Luzia Oliveira. **A fragmentação do texto literário: um artifício da memória?.** Revista Interdisciplinar, ed. 4, p. 122-131, Jul/Dez 2007.

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**: A história não contada da Boate Kiss. [S. l.]: Intrínseca, 2018.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**: A história da polícia que mata. [S. l.]: Record, 1992.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. ed. 4, São Paulo: Manole, 2009.